

“Quando o silêncio se rompe”: Cemitério Municipal São José, Ponta Grossa(1881-2007)

Maristela Carneiro

Licenciada em História (UEPG, 2007). Pós-graduanda em História (UNICENTRO-Irati)

Resumo: Este projeto tem como proposta norteadora a percepção do modo como as relações sociais, religiosas e culturais, em geral, são expressas na distribuição espacial do Cemitério Municipal São José e como são demonstradas nos ícones contidos nos túmulos do mesmo, desde a sua instituição na cidade de Ponta Grossa, no ano de 1881, até os nossos dias, considerando para isto as discussões pertinentes à memória, às práticas identitárias e às representações sociais, convergentes no espaço urbano.

Palavras-chaves: Cemitério; Espaço urbano; Representações sociais.

Abstract: This project seeks to perceive how social, cultural, and religious relations are expressed in the space distribution of the *São José* cemetery in the city of Ponta Grossa, Paraná state, Southern Brazil, and how such relations are displayed in icons printed on the tombstones, since its foundation in 1881 until today. In this sense, issues such as memory, identity practice, and social representations converging in the urban space will be discussed.

Keywords: Cemetery; Urban place; Social representations.

Resúmen: Este proyecto se propone orientar la percepción de cómo los derechos sociales, religiosas y culturales en general, se expresan en la distribución espacial del Cementerio Municipal São José como los iconos se muestran en las tumbas contenían la misma, desde su creación de la ciudad de Ponta Grossa, en el año 1881 hasta la actualidad, teniendo en cuenta que para los debates relacionados con la memoria, las prácticas de la identidad y las representaciones sociales, que convergen en el espacio urbano.

Palabras-clave: Cementerio; Espacio urbano; Representaciones sociales.

Pergunta de partida

Como a organização espacial, a arquitetura, a escultura, os signos e as simbologias presentes no Cemitério Municipal São José expressam as relações sociais e as transformações culturais que se têm estabelecido desde a sua instituição na cidade de Ponta Grossa, no ano de 1881, até os nossos dias?

Problemática

A historiografia modifica-se com o decorrer do tempo, em razão das novas fontes e abordagens, das diferentes possibilidades e imperativos. Por sua vez, a história da Morte se beneficia, especialmente a partir da década de 1950, do desenvolvimento da demografia e do estudo das mentalidades, duas componentes essenciais da “*Nova História*”. Nesse sentido, os primeiros “*historiadores da morte*” evidenciaram o papel determinante da mortalidade nas estruturas demográficas.¹

Em meados da década de 1960, a chamada “*História das Mentalidades*”, resultante basicamente da terceira geração dos Annales, atualmente designada como “*História Cultural*”, envolveu o campo da pesquisa histórica. Este fato foi determinante para a redefinição do conceito de fonte e de documento, sendo que a história passou a valorizar a memória, os comportamentos e as sensibilidades, destacando as atitudes coletivas, nas quais se busca sentido para as problematizações da contemporaneidade.²

Nesse viés, em meados da década de 1970, passou-se a considerar como fonte para o estudo da morte, os testamentos e a iconografia, dentre outras, objetivando a compreensão das atitudes diante da mesma, notadamente com os trabalhos de Michel Vovelle (*Piété baroque et déchristianisation em Provence au XVIII siècle*, 1973), cujo subtítulo explicita o objetivo e as fontes da pesquisa (*As atitudes diante da morte segundo as cláusulas dos testamentos*); e de Philippe Ariès (*O homem diante da morte*, 1977), estudioso do assunto, desde 1948.³

Segundo Philippe Ariès, as transformações do homem diante da morte são extremamente lentas por sua própria natureza ou se situam entre longos períodos de imobilidade. Assim, os contemporâneos não as percebem porque o tempo que as separa ultrapassa o de várias gerações e excede a capacidade da memória coletiva.⁴

Portanto, estando a “*morte*” inserida na longa duração, faz-se delicada a escolha de fontes para o seu estudo, bem como a delimitação temporal para o mesmo. Assim, na ampla gama de fontes para o estudo das atitudes diante da morte, este trabalho destaca os cemitérios, que já possuem caráter cultural desde o século XVIII, devido especialmente às expressões artísticas.⁵

O estudo mais significativo sobre cemitérios no Brasil é de Clarival Valladares (*Arte e Sociedade nos Cemitérios Brasileiros*, 1972), no qual o

autor faz um levantamento dos principais cemitérios e suas esculturas, sobretudo em São Paulo e Rio de Janeiro, “*indicando um viés sociológico sobre as obras contidas nas necrópoles.*” ⁶

A palavra cemitério (do grego *koimhthron*, pelo latim *coemeterium*) significa “*lugar de dormir*” ou “*lugar de descanso*”, seguindo o conceito da religião hebraico – cristã, de acordo com a qual a morte nada mais é do que um sono que termina com a ressurreição. Mesmo não sendo no mesmo formato dos cemitérios atuais, nos tempos pré-cristãos já existiam sítios de sepultamentos, como as pirâmides egípcias, as necrópoles de Tebas e Mênfis, a via sagrada em Atenas, totalmente ladeada de túmulos, e as sepulturas nas montanhas, dos hebreus. ⁷

Na Idade Média, com a predominância do catolicismo, foi difundida a prática dos enterros dentro das igrejas, *ad sanctos*, apoiando-se na crença de que tal proximidade com as santidades ou mesmo suas relíquias, facilitava a passagem a um mundo extraterreno, assegurando a salvação da alma. ⁸ A igreja não se importava com a destinação terrena do corpo, visto apenas como o invólucro da alma, esta sim, imortal. Além dos aspectos supersticiosos dessa devoção, este tipo de enterro “*era considerado como um meio pastoral de fazer com que se pensasse na morte e de interceder pelos mortos.*” ⁹

Por volta da segunda metade do século XVIII, entretanto, as práticas funerárias subitamente tornaram-se um assunto atual que apaixonava a opinião pública. Publicações e comentários diversos dessa época tratam que, além de não haver espaço para todos, a prática *ad sanctos* gerava inconvenientes sanitários, do ponto de vista médico-científico, e a igreja não possuía as dimensões adequadas à vedação completa das catacumbas. ¹⁰ Segundo Ariès, estes sentimentos já estavam presentes nas mentalidades, ainda que dissimulados, e representavam a tomada de consciência da presença dos mortos no mundo dos vivos.

Coe aponta que, segundo o mesmo autor, com o fortalecimento da doutrina capitalista, apresentou-se uma ruptura entre a vida e a morte, uma mudança de mentalidade, influenciada principalmente pelo iluminismo francês do século XVIII: “*há o avanço do individualismo, do pensamento racional, da laicização das relações sociais, da secularização da vida cotidiana*” ¹¹. Assim, o desenvolvimento da morte individualizada, aliado à precariedade sanitária e ao crescimento das cidades, impulsionou a diluição da importância do enterro dos mortos *ad sanctos* e tornou a presença dos mortos problemática, renovando a necessidade dos cemitérios, os quais passaram a ser reflexo do universo cultural de cada época e sociedade, reflexo do Imaginário Social, constituído como construção da realidade, através do qual a coletividade designa sua identidade.

Nesse caminhar, o espaço do Cemitério Municipal São José expressa o “*Imaginário Social*” que se estabelece no cenário ponta-grossense, desde a sua fundação, em 1881. Originária de um pequeno povoado localizado ao longo do “*Caminho das Tropas*”, Ponta Grossa passou a receber imigrantes a partir de 1870. Estes imigrantes tiveram papel fundamental na formação social da cidade, cuja diversidade, especialmente cultural, faz-se presente no espaço do Cemitério. O mesmo resultou de disputas políticas entre a Câmara Municipal e o Vigário Anacleto Dias Babbista, que ficou à frente da administração da Paróquia de Santana por cinquenta anos.

Com o objetivo de diminuir o poder do religioso, em 1865 os vereadores resolveram transferir o Cemitério São João¹² para um terreno situado fora da cidade, alegando que sua localização impedia o crescimento urbano. O vigário não abençoou o novo cemitério para que este fosse considerado campo santo e, dessa forma, as pessoas não queriam que seus mortos fossem enterrados neste local. Esta situação foi alterada apenas em 1881, quando o Padre João Evangelista Braga, assumindo como novo vigário, abençoou o cemitério e a população passou a utilizá-lo.¹³

Assim, por intermédio de uma decisão especialmente política, o “*espaço*” do Cemitério Municipal São José acaba por se colocar como reflexo do universo cultural da sociedade ponta-grossense. Parte-se do pressuposto que a maneira como o homem se porta diante da morte e a representa no espaço do cemitério, através da linguagem, dos signos e símbolos, da sua cultura material, da arquitetura, da escultura, seja de maneira consciente ou inconsciente; reflete as suas concepções, as suas crenças, ideologias, os seus modos de vida, enfim, a constituição do Imaginário Social, conforme a sociedade na qual está inserido.

Ainda neste âmbito, as reflexões acerca das representações sociais, relacionadas ao Imaginário Social, devem ser consideradas, visto que estas propõem que sejam articulados os elementos afetivos, mentais e sociais, todos presentes no espaço cemiterial; além de integrar, ao lado da cognição, da linguagem e da comunicação, as relações sociais que afetam as representações e a realidade material, social e das idéias sobre a qual estas vão intervir.¹⁴ As representações sociais se manifestam em palavras, sentimentos e condutas, cuja principal mediação é a linguagem, tomada como forma de conhecimento e interação. Faz-se necessário lembrar que as representações traduzem pensamentos fragmentários, limitando-se a certos aspectos da experiência existencial, muito embora possua diversos graus de nitidez em relação à realidade, esta também subjetiva e construída.

As representações sociais reconhecem a possibilidade de diversas racionalidades, o que é adequado às “*características das multifacetadas sociedades e grupos sociais contemporâneos e às características da forma de conhecer e lidar com o saber nessas sociedades, em que grupos*

diferentes têm visões diferentes de um mesmo objeto sem que a diferença implique obrigatoriamente desigualdade”.¹⁵

A “*cidade*” não se define apenas como centro e expressão de domínio sobre um território e/ou sede do poder e da administração, mas engloba também o âmbito da simbologia, impulsionado pelo grande fluxo de pessoas, culturas, posicionamentos. Seguindo esta lógica, Ponta Grossa deve ser pensada de maneira heterogênea, conflituosa, carregada de disputas sociais, de diferentes práticas culturais, muitas vezes contraditórias. E, inerente a este contexto, o Cemitério Municipal São José também não é harmonioso, pelo contrário: possui diferenças sociais, econômicas, culturais, expressas através das simbologias, dos signos, da organização espacial, da arquitetura e da escultura que aí estão presentes, e que se constituem como fonte deste trabalho. É vital entender a diferença como especificidade, entendimento este no qual a compreensão das representações sociais se coloca como essencial, visto que possibilita leituras mais ricas e abrangentes.

Ainda, todo conjunto de leis, normas, incluindo a atuação policial, se realiza tendo como referência um discurso normatizador e disciplinarizador do convívio social, construído a partir e em favor de uma determinada perspectiva de cidade. Isto posto, a leitura da Legislação Cemeterial traz indicativos de normatização social, que devem ser consideradas, em essencial pelo fato que evidencia a inerência do cemitério ao contexto mais amplo de cidade.

Vejamos: no decreto n° 24/56, que regulamenta o funcionamento dos cemitérios municipais, sancionado em 20 de março de 1956, na gestão do Sr. Prefeito Municipal José Hoffmann, destaca-se o art. 38 do capítulo VI – *Dos Vasos e Ornamentos*. Conforme este artigo, não “*será permitida a colocação de estátuas ou lápides, gravações, fotografias ou qualquer objeto que, por si, atente aos bons princípios da moral pública*”¹⁶. Pode-se pensar que estes “*bons princípios*” da década de 1960 talvez não sejam os mesmos dos fins do século XIX, quando da instituição do Cemitério São José no Município de Ponta Grossa; e ambos muito provavelmente não coincidem com os também chamados “*bons princípios da moral pública*” dos nossos dias. Um segundo ponto a se pensar tange ao fato de que os “*bons princípios*”, mesmo que numa mesma época, não são correspondentes e homogêneos para todas as pessoas. Assim, que perspectiva de cidade estava sendo requerida? E o espaço do cemitério corresponde a essa “*determinação*”?

Outro aspecto a refletir diz respeito à memória. Profundamente ligada às concepções acerca da morte, é um componente fundamental do conceito do Imaginário Social e das Representações Sociais, estas que vem a significar a “*reprodução de uma percepção retida na lembrança ou do conteúdo do pensamento*”¹⁷. Desde a Antiguidade romana o *monumentum* designa não apenas obras comemorativas de arquitetura ou escultura, como também

monumentos funerários destinados a perpetuar a recordação dos entes queridos, no domínio em que a memória é particularmente valorizada, qual seja a morte.¹⁸ Por sua vez, a individualização das sepulturas e as inscrições mortuárias significam “*o desejo de conservar a identidade do túmulo e a memória do desaparecido*”.¹⁹ A personalização das mesmas, através da arquitetura, da escultura, de simbologias próprias, formando um conjunto único e particular, indica a vontade de individualizar este local, perpetuando a lembrança do falecido.²⁰

Destarte, a perspectiva de cemitério deve estar além da sua existência enquanto espaço de condicionamento dos mortos. Outros aspectos podem ser avaliados, como já mencionados, especialmente concebendo o cemitério como expressão constante e dinâmica de representações sociais: é um campo de convívio e embates de múltiplas tradições e possibilidades culturais.²¹

A arquitetura, a escultura, a organização espacial e as simbologias presentes no cemitério expressam a convergência das diversas classes sociais e grupos culturais; assim sendo, coloca-se como a expressão das representações sociais destas classes e grupos. “*A arquitetura – como todas as representações sociais – é, a um só tempo, produto e causa das tensões sociais*”²². A maneira como as pessoas cultuam seus mortos diz muito a respeito da vivência simbólica já familiar aos mesmos, ou seja, a arquitetura expressa as concepções de vida valorizadas pelos “vivos”.

No espaço do Cemitério São José encontram-se manifestações de religiosidade, através de cruzes, de capelas, imagens de santos, altares e relicários, referenciais principalmente cristãos, o que não significa que outras manifestações não se façam presentes. Nesse viés, os epitáfios também apresentam expressões, palavras, tendo a função primeira de identificação, além de traduzir os valores essenciais dos determinados grupos sociais.

A monumentalidade dos túmulos que aí encontramos pode ser pensada em conjunto com a questão da divisão de classes e a organização espacial. A possível existência de áreas “*nobres*” dentro do cemitério, a exemplo da lógica segregadora da cidade, na qual o mesmo está inserido, reflete a necessidade da elite em se auto-afirmar perante a sociedade, promovendo e reafirmando a hierarquização social. Diferente das concessões pagas, áreas de concessão gratuita possuem visibilidade e edificação restritas, comumente periféricas.

A vida familiar é também transferida para o cemitério, através de construções em formato de casas, nos objetos de uso privado, ou imagens e expressões que remetam a essa familiaridade, como por exemplo, a exposição do currículo do falecido na lápide.

Assim sendo, considerando o cemitério como um palco de representações sociais que se expressam, consciente ou inconscientemente, através da linguagem, dos signos e símbolos, da sua cultura material, ficando perceptível a

constituição do Imaginário Social; o presente trabalho objetiva compreender de que maneira a organização espacial, a arquitetura, a escultura, os signos e as simbologias presentes no Cemitério Municipal São José expressam as relações sociais e as transformações culturais que se têm estabelecido desde a sua instituição na cidade de Ponta Grossa, no ano de 1881, até os nossos dias.

Objetivo geral

Compreender de que maneira a organização espacial, a arquitetura, a escultura, os signos e as simbologias presentes no Cemitério Municipal São José expressam as relações sociais e as transformações culturais que se têm estabelecido desde a sua instituição na cidade de Ponta Grossa, no ano de 1881, até os nossos dias.

Objetivos específicos

Compreender quais são as funções e os papéis desempenhados pelo espaço cemiterial na sociedade ocidental e brasileira;

Entender como o espaço do cemitério se relaciona com a lógica segmentaria da formação e desenvolvimento da cidade de Ponta Grossa;

Verificar como as relações sociais, religiosas e culturais, de um modo geral, são expressas na distribuição espacial do cemitério;

Perceber de que maneira as relações sociais e as opções religiosas e culturais da sociedade ponta-grossense são demonstradas nos ícones contidos nos túmulos.

Questões operacionais

Quais as funções e os papéis desempenhados pelo espaço cemiterial na sociedade ocidental e brasileira?

Como o espaço do cemitério se relaciona com a lógica segmentária da formação e desenvolvimento da cidade de Ponta Grossa?

Como as relações sociais, religiosas e culturais, de um modo geral, são expressas na distribuição espacial do cemitério?

De que maneira as relações sociais e as opções religiosas e culturais da sociedade ponta-grossense são demonstradas nos ícones contidos nos túmulos?

Metodologia

A discussão aqui proposta busca perceber de que maneira a organização espacial, a arquitetura, a escultura, os signos e as simbologias presentes no Cemitério Municipal São José expressam as relações sociais e as transformações culturais. Partindo destes questionamentos, uma série de procedimentos faz-se necessária, conforme segue.

O espaço cemiterial evolui ao longo do tempo, adaptando-se a perspectiva de cidade, a que foi sendo submetido. Para responder quais as funções e os papéis desempenhados pelo espaço cemiterial na sociedade ocidental e brasileira, serão levantados e fichados, livros e artigos que tratem desta “evolução”, a fim de traçar um panorama geral, enfatizando os estudos de Michel Vovelle, Philippe Ariès e João José Reis.

Questionando como o espaço cemiterial se relaciona com a lógica segmentária da formação e desenvolvimento da cidade de Ponta Grossa, faz-se necessário observar a história do Cemitério Municipal, desde a sua instituição, utilizando-se, nesse sentido, de possíveis reportagens acerca do Cemitério, publicadas pelo Jornal Diário dos Campos, constantes no Dia de Finados, mais especificamente entre 30 (trinta) de outubro a 04 (quatro) de novembro, do ano de 1932 a 2005; bem como bibliografias em geral, citando Guísela Chamma (*Ponta Grossa: o povo, a cidade e o poder*).

Além disso, a “lógica segmentária da formação e desenvolvimento”, conforme mencionado acima, será pensada através do processo de urbanização e, portanto, crescimento populacional e expansão territorial, observada também através de bibliografias e mapas demonstrativos de tal processo, disponíveis na Casa da Memória e na Prefeitura Municipal de Ponta Grossa. Nesse viés destaca-se Carmencita Ditzel, organizadora da obra *Espaço e Cultura*, editado em 2001.

Estes procedimentos possibilitam perceber como a relação entre a urbanização e a segmentação social se reflete no espaço cemiterial, evidenciada nas regras de concessão dos terrenos neste espaço, por exemplo. A normatização social, construída a partir de uma determinada perspectiva de cidade, é demonstrada na Legislação Cemiterial, qual seja, o decreto nº 24/56, que regulamenta o funcionamento dos cemitérios municipais, sancionado em 20 de março de 1956, na gestão do Sr. Prefeito Municipal José Hoffmann, a ser analisada, juntamente com as discussões acerca da mesma, presentes nas Atas da Câmara Municipal de Ponta Grossa, também sendo analisadas as demais leis municipais que concernem aos aspectos cemiteriais, a serem também buscadas no Arquivo da Câmara Municipal.

Objetivando apreender como as relações sociais, religiosas e culturais, de um modo geral, são expressas na distribuição espacial do cemitério, serão utilizadas fichas catalográficas para o levantamento dos dados cemiteriais, buscadas no espaço físico do cemitério. Vejamos:

Localização

Denominação: (nome jazigo, da família ou sobrenomes)

Túmulo: (número túmulo conforme a planta do cemitério)

Quadra: (de 01 a 20, conforme a planta)

Estado de Conservação: (ótimo, razoável, deteriorado, péssimo)

Sepultamentos

Nº Sepultados: (conforme placas)

1º Ano Falecimento: (idem)

Último Ano Falecimento: (idem)

Construção

Formato: (mausoléu-capela, mausoléu, jazigo-monumento, jazigo)

Padrão: (baixo, médio, médio-alto, alto)

Material: (alvenaria, pedra, mármore ou lajota)

Estilo: (a ser definido)

Signos e/ou ornamentos: (conforme análise da autora)

As informações constantes nestas fichas serão processadas e organizadas posteriormente através de mapas interativos, para a visualização da distribuição espacial das relações sociais, religiosas e culturais.

A partir destas fichas catalográficas e dos mapas interativos, faz-se necessária a seleção de túmulos para o desenvolvimento de análises qualitativas, amparada nos autores trabalhados. Dados complementares serão buscados na documentação pertencente ao arquivo da Capela Mortuária Municipal São José. Será feita uma categorização com fim organizacional, a ser definida ao longo da observação e das leituras. Tais análises qualitativas buscam apreender de que maneira as relações sociais e as opções religiosas e culturais da sociedade ponta-grossense são demonstradas nos ícones contidos nos túmulos.

Fontes

Jornal Diário dos Campos

- 30 de outubro a 04 de novembro;

- período de 1932 a 2005;

- disponíveis no Museu Campos Gerais;

- bom estado de conservação, encadernados e organizados em ordem cronológica;

Mapas demonstrativos do crescimento populacional e expansão territorial de Ponta Grossa, no período estudado:

- disponíveis na Casa da Memória e na Prefeitura Municipal de Ponta Grossa;

- bom estado de conservação;

Legislação sobre Cemitérios

- disponível no site da Prefeitura Municipal de Ponta Grossa (<http://pg.pr.gov.br/legislacao>) ; acessado em 01/07/06;

Atas da Câmara Municipal

- período de 1954 a 1956;
- disponíveis no Arquivo da Câmara Municipal;
- bom estado de conservação, encadernados e organizadas em ordem cronológica;

Demais leis concernentes aos Aspectos Cemiteriais:

- disponíveis no Arquivo da Câmara Municipal;
- bom estado de conservação, encadernados e organizadas em ordem cronológica;

Espaço físico do Cemitério Municipal São José:

- análise quantitativa e qualitativa, tendo como material de apoio a Planta do Cemitério, esta cedida gentilmente por Cristina Célia Kasprzak, bacharel em Turismo.

Documentação disponível no arquivo da Capela Mortuária Municipal São José:
desorganizado, com lacunas.

Recursos

Câmera Digital;

Planta do Cemitério;

Fichas catalográficas;

Computador;

Programa para processamento dos dados cemiteriais (*Spring*).

¹ LEBRUN, François. Morte. In: *Dicionário das Ciências Históricas*. Rio de Janeiro: Imago, 1993. p. 564.

² REVEL, Jacques. Mentalidades. In: *Dicionário das Ciências Históricas*. Rio de Janeiro: Imago, 1993. p. 533.

³ LEBRUN, op. cit., p. 565.

⁴ ARIÈS, Philippe. *História da morte no Ocidente*. Da Idade Média aos nossos dias. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003, p. 20.

⁵ ARAÚJO, Thiago Nicolau de. *Túmulos celebrativos de Porto Alegre: múltiplos olhares sobre o espaço cemiterial (1889-1930)*. Porto Alegre: dissertação de mestrado, 2006, p. 15.

⁶ Id.

⁷ CAROLLO, Cassiana. *Cemitério Municipal São Francisco de Paula*. Monumento e Documento. Curitiba: Fundação Cultural, 1995, p.5.

⁸ COE, Agostinho. *A morte no século XIX e a transferência dos enterros das igrejas*. Disponível em <http://www.uema.br/revista_emfoco/anaisagostinho.htm> Acesso em 12 mar. 2006.

⁹ ARIËS, op. cit., p. 202.

¹⁰ *A história dos cemitérios no Brasil*. Site Oficial do Sincep (Sindicato dos Cemitérios Particulares do Brasil) e da Acembra (Associação dos Cemitérios do Brasil). Disponível em: <<http://www.sincep.com.br/historias/25.asp>> Acesso em 20 maio 2006.

¹¹ COE, op. cit.

¹² Primeiro cemitério da cidade, foi fundado pelos moradores locais, em 24 de junho de 1811, no local onde hoje se encontra a Igreja do Sagrado Coração de Jesus, conhecida como “Igreja dos Polacos”, quando Ponta Grossa ainda era um bairro de Castro.

¹³ KASPRZAK, Cristina Célia. *Turismo em Cemitérios: a possibilidade da utilização turística do Cemitério Municipal São José de Ponta Grossa* – PR. Ponta Grossa: Monografia de Conclusão de Curso, 2004, p. 38-40.

¹⁴ ARRUDA, Angela. *Teoria das Representações Sociais e Teorias de Gênero*. Disponível em <http://www.acaoeducativa.org.br/downloads/teoria_das_representacoes.pdf> Acesso em 24 set. 2005.

¹⁵ Id.

¹⁶ *Legislação sobre Cemitérios*. Disponível no site da Prefeitura Municipal <<http://pg.pr.gov.br/legislacao>> Acesso em 1 jul. 2006.

¹⁷ MINAYO, Maria C. de Souza. O Conceito de Representações Sociais dentro da Sociologia Clássica. In: *Textos em representações sociais*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 89.

¹⁸ LE GOFF, Jacques. Documento / Monumento. In: *História e Memória*. Campinas: Unicamp, 1992, p. 535.

¹⁹ ARIËS, op. cit., p. 59.

²⁰ Id., p. 63.

²¹ CYMBALISTA, Renato. *Cidades dos Vivos. Arquitetura e atitudes perante a morte nos cemitérios do estado de São Paulo*. São Paulo: Annablume / Fapesp, 2002.

²² Id., p. 75.